

PAIS!!! ONDE FOI QUE ACERTEI?

Uma conversa entre
psicólogos, psiquiatras e pais

vol. 2



Ligia Bonini
Denise Maia
(ORG.)

SATTVA
EDITORA

O 1º volume do Livro "Pais!!! Onde foi que acertei? Uma conversa entre psicólogas e pais", veio ao encontro das dúvidas de muitos casais ou cuidadores que nos procuram para atendimentos de seus filhos ou para orientação psicológica. O próprio nome do livro surgiu durante os momentos de escuta e de conversas com pais.

Dentro do mesmo objetivo, proporcionando uma reflexão para pais, educadores e cuidadores, organizamos o volume 2: *Pais!!! Onde foi que acertei?*

Agradecemos aos colegas que, com grande experiência em sua prática clínica, proporcionaram uma conversa com os pais, abordando assuntos de grande relevância. Nosso abraço afetuoso a cada um:

Ana Carolina Falcone Garcia, Ana Maria Galvão Rios, Ana Maria Russo, Izabel Skaff Ayub Ferreira, Maria Teresa Corbucci Caldeira Nasi, Paulo Corazza, Renata Whitaker, Walter Gimenez de Mattos e Dr. Francisco de Assumpção Jr, renomado psiquiatra infantil coordenador do Tratado de Psiquiatria da Infância e da Adolescência.

Nosso carinho e gratidão à Dra. Ceres Alves de Araujo, psicóloga, mestre em Psicologia Clínica, doutora em Distúrbios da Comunicação Humana, Analista Junguiana, membro da Academia Paulista de Psicologia (cadeira 39), que há tantos anos nos acompanha e nos inspira.

Ao ilustrador e criador da nossa capa, *Bruno Okada*, designer, nossos sinceros agradecimentos.

Boa leitura!

PAIS!!! ONDE FOI QUE
ACERTEI? VOL. 2

PREFÁCIO

Honrada e com muito gosto, aceitei o convite para escrever o prefácio do livro *Pais!! Onde foi que acertei? Vol. 2*, organizado por Lígia Bonini e Denise Maia, colegas de muitos anos, que também escreveram capítulos do livro. Todos os autores têm ligações com as instituições jun-guianas irmãs de nosso país.

Essa obra será de utilidade para todos que buscam caminhos mais seguros de como proceder diante de várias situações que cercam a tarefa árdua e prazerosa de criar e educar crianças e adolescentes.

Usando uma imagem, costumo dizer que criar filhos é como descer a corredeira de um rio em um bote: uma aventura cheia de emoções, com grandes obstáculos e com possibilidades de acidentes pela frente. Existem famílias que conseguem controlar bem o bote e contornar as pedras que surgem pelo caminho com habilidade e sabedoria e vivem uma aventura prazerosa e enriquecedora. Outras, no entanto, não encontram pontos de equilíbrio, chocam-se contra as pedras e correm o risco de naufragarem, chegando pais e filhos ao fim do percurso sem o bote, sem remos, decepcionados e magoados. Cumpre refletir a respeito dos fatores que podem determinar se essa aventura será fascinante ou uma adversidade para seus tripulantes.

Educar filhos nas últimas décadas vem sendo algo cada vez mais complexo. O mundo está em uma constante e rápida mudança e a nova ordem mundial, por sua vez, provoca alterações no desenvolvimento físico e psicológico do ser humano.

Adversidades de tipos diferentes fazem parte da vida e superá-las traz aprendizados e, conseqüentemente, resiliência. A pandemia que agora assola o mundo traz a apreensão, o medo e o confronto com a morte. Inexoravelmente o ser humano é impelido a confrontar sua fragilidade e sua finitude. Pode-se perguntar como o confinamento social, as limitações impostas atualmente, enfim esse novo modo de viver a vida em família, interferirão nas práticas de cuidar dos filhos.

Apesar de dirigido de forma muito particular aos pais, o conteúdo dos vários capítulos poderá ser de interesse também para os profissionais de saúde e educação que lidam com crianças e adolescentes. O objetivo implícito em todo o livro e que perpassa pelos capítulos é a intenção de ajudar o processo de criação de crianças e adolescentes para que eles sigam um processo de desenvolvimento saudável. Os capítulos poderiam ser compreendidos como aulas de uma escola para pais.

Criar e educar filhos foi sempre uma tarefa difícil, mas parece ainda mais desafiadora nos tempos contemporâneos. Nunca o ser humano dispôs de tanta informação, mas possivelmente em função dessa quantidade de informação nunca foi tão árdua a escolha do caminho adequado a seguir na educação dos filhos.

A leitura que pude fazer dos onze capítulos levou-me à percepção dos temas atuais e originais que compõem o livro. Cada autor pode ser visto como uma autoridade no assunto que se propôs a desenvolver, o que dá um valor importante a essa obra. Porém, o que ressalta no conjunto é o interesse e o amor dos autores por crianças, adolescentes e jovens.

A ordem dos capítulos busca percorrer a jornada dos pais desde o início da vida do filho até a juventude e, assim, fica muito coerente que o primeiro deles, de Francisco B. Assumpção Jr., comece com uma pergunta “Por que temos filhos”? O psiquiatra, especialista na infância e na adolescência, escreve sobre um tema ainda pouco discutido e extremamente relevante, mostrando que a opção por ter filhos traz grandes repercussões à vida dos que casam e desejam ter filhos. Ressalta que ter um filho precisa ser uma decisão consciente que traz como consequência a necessidade de abdicar de muitos outros papéis sociais. Formula, então, duas perguntas fundamentais aos que escolhem ter filhos: “Por que eu decidi ter um filho, o que eu quero disso?” e, antes ainda: “Por que eu casei ou quero casar, o que eu espero disso?” O autor considera o casar e o ter filhos como parte de um projeto existencial muito mais amplo do que simplesmente seguir o caminho estabelecido pela sociedade e pela cultura.

O capítulo que se segue, “Massagem para bebês e a moderna teoria do apego”, da psicóloga Ligia Bonini, salienta a importância do toque amoroso como facilitador do vínculo afetivo mãe-bebê, vínculo que é a base para o desenvolvimento de um apego seguro. A noção de apego seguro é explicada com

clareza, sendo mostrada a importância desse tipo de apego para a regulação das emoções ao longo da vida. A autora explica a técnica da “Shantala”, nome dado por Frederik Leboyer à massagem para bebês, técnica milenar da Índia. Especialista no ensino dessa prática aos pais de recém-nascidos, avisa a ensaísta que a “Shantala” é uma técnica para ser aplicada exclusivamente pelos pais ou substitutos, durante pelo menos os quatro primeiros meses do bebê, mas nada impede que a massagem se prolongue por mais tempo.

O terceiro capítulo do livro, “Ansiedade parental: a necessidade de um cuidadoso olhar”, da psicóloga Denise Maia é dedicado à gestante, ao futuro pai, considerando a importância da vida intrauterina e também voltado aos primeiros tempos do bebê na interação com seus pais. A autora salienta duas funções dos pais: uma é estarem atentos às necessidades dos filhos e a outra é estarem conscientes de suas atitudes e das referências que dão aos filhos, as quais irão influenciar as escolhas deles ao longo da vida.

Renata Whitaker escreve no quarto capítulo sobre “As cicatrizes ocultas geradas pelos abusos psicológicos na infância e na adolescência”. Nesse capítulo a autora relembra a importância que Jung deu à influência da vida emocional dos pais em relação à psique de seus filhos, com consequências até a vida adulta deles. Mostra que cicatrizes ocultas aparecem na expressão psíquica e nos sintomas que o indivíduo apresenta nas relações que estabelece na vida, perpetuando a dor ao longo da existência. Assim, os eventos traumáticos da infância precisam ser ressignificados. Renata salienta a im-

portância do autoconhecimento que os pais precisam buscar, como passo fundamental para compreender e para estruturar melhores relações com seus filhos.

O quinto capítulo, “O medo no desenvolvimento infantil” foi o tema escolhido por Maria Teresa Caldeira Nasi. Ela define o medo como uma emoção atávica, fundamental para a autopreservação e necessária à preservação do ser humano e mostra que as crianças têm inúmeros medos, reforçados pela violência urbana da sociedade contemporânea, pelas catástrofes naturais e pelas ameaças de morte. A autora explica que a capacidade para a regulação das emoções, inclusive do medo, é estruturada a partir das relações primárias entre o bebê e os seus cuidadores, as quais fortalecerão a possibilidade para integrar as experiências vividas e para lidar com eficiência com os estímulos estressores. A psicóloga relata um caso clínico, no qual as técnicas de abordagem corporal foram utilizadas na psicoterapia lúdica de um menino de 10 anos com queixa de medos exacerbados. Descreve como a estimulação tátil, favorecida pela Calatonia e por toques sutis (técnicas criadas por Pethő Sándor), desviou a atenção do paciente de um estado emocional inseguro e medroso para uma sensação de alívio e confiança, ao vivenciar o corpo como um lugar seguro, o que favoreceu o desenvolvimento do ego, em uma base corporal mais relaxada, com um corpo livre das ataduras dos medos.

Ana Maria Galrão Rios escreve “Conversando sobre religião: o desenvolvimento da espiritualidade nas crianças e o papel dos modelos parentais”. Neste sexto capítulo, a ensaísta

relaciona o desenvolvimento da religiosidade e da imagem de Deus nas crianças com aspectos fundamentais da vida humana vinculados ao desconhecido e ao misterioso, à imprevisibilidade da vida, à morte, aos sentimentos de pertencimento e segurança e à busca de sentido para a existência. Tema pouco frequente em livros para pais, provavelmente em decorrência da dificuldade de versar sobre religiosidade nos tempos atuais. A autora tem como objetivo oferecer aos pais informações a respeito de como a imagem de Deus e seu relacionamento com ele se desenvolvem na criança, para que eles possam atuar de modo mais eficiente na criação de um indivíduo confiante e capaz de enfrentar os diversos desafios que a vida propõe.

Isabel Skaff Ayub Ferreira escreve no sétimo capítulo sobre “Adoção- um encontro amoroso e desafiador”. A autora descreve os conflitos da mãe que doa seu filho, da mãe que adota e das crianças adotadas e faz um questionamento importante a respeito dos motivos da procura por uma criança para adotar. Sabedora da importância da vida intrauterina para a constituição da psique, a ensaísta escreve que a criança adotada traz uma história cujo prefácio já está escrito e que é preciso perceber os sentimentos e as necessidades dela para continuar a ajudar a escrever sua biografia da melhor forma possível.

O oitavo capítulo é de Ana Maria Russo, psicóloga que escreve sobre “A integração fisiopsíquica na psicoterapia infantil de orientação junguiana. A calatonia e os toques sutis.” A autora descreve a psicoterapia lúdica de uma menina de 6

anos, que apresentava sintomas de comportamento opositor e distúrbios de sono, e era considerada como aluna distraída. Relata que no atendimento a essa criança foi possível a utilização da técnica da Calatonia e dos toques sutis, a qual é exemplificada no texto. A abordagem corporal é mostrada como uma ferramenta importante na criação de um ambiente seguro e coerente, que favorece a recuperação das primeiras relações de apego, criando um espaço para o pensamento simbólico, centro da expressão criativa.

O nono capítulo, “Intersubjetividade e tempo. Reflexões sobre psicoterapia em jovens com algumas limitações” cabe a Paulo Corazza, psicólogo que há muito atende pacientes diagnosticados com transtornos do neurodesenvolvimento, isto é com pessoas que já precocemente enfrentam limites dados pela vida. Mostra que para essas pessoas o acesso ao mundo do imaginário, do símbolo é precário ou inexistente e que o acesso ao inconsciente via afeto, parece interrompido. Mas, acredita que na psicoterapia pode ser criada uma vivência intersubjetiva que garante uma força relacional presente, construída ao longo do tempo. O autor reflete a respeito da necessidade de pais e de psicoterapeutas encararem os limites dessas pessoas que terão dificuldades talvez intransponíveis para adquirir a autonomia.

“Adolescentes e tecnologias: relações interconectadas” é o tema abordado no décimo capítulo por Ana Carolina Falcone Garcia. A psicóloga discorre a respeito dos nativos digitais, que compõem o que é entendido como geração Z, por terem nascido e crescido com as tecnologias digitais. A autora mostra

que o *cyberspace* ocupa um lugar de destaque na vida dessa geração de jovens e parece servir de ritual de passagem, mas indaga se essa tecnologia e seus novos caminhos abrirão apenas possibilidades positivas de inovação. Adverte os riscos do acesso a universos ou pessoas desconhecidos, que pode ocasionar susceptibilidades emocionais, bem como *cyberbullying* ou *sexting*. Alerta para o uso abusivo, que altera padrões de sono, perturba o aprendizado, traz mudanças de comportamento, como cansaço, irritabilidade, recolhimento social etc..

Walter Mattos, psicoterapeuta, com larga experiência nas questões de abuso e dependência de substâncias, escreve no décimo primeiro capítulo sobre "O encontro do adolescente com as drogas". Descreve estatísticas recentes a respeito do crescimento do uso de drogas ilícitas nos últimos anos e do uso abusivo do álcool, causador de porcentagem importante de doenças e mortes na população mundial. O autor considera que o uso e abuso de substâncias se amplificou e sofisticou muito nos últimos anos. A partir de sua experiência clínica com adolescentes e seus pais, o autor adverte que se a disponibilidade e a atenção dos pais estiveram presentes ao longo do crescimento do filho, é provável que o adolescente encontre as drogas no seu caminho, mas que isso não se torne um grande problema. Caso contrário, pode ser um sinal para os pais reverem posturas e valores.

Criar e educar filhos dá trabalho sem dúvida e exige uma disponibilidade de muito tempo e por longos anos, mas pode ser uma inesquecível aventura, aventura de um relacionamento, construído com amor e compreensão que se eterniza.

Acompanhar crianças, adolescentes e jovens no seu processo de desenvolvimento, faz reviver a criança eterna dentro de cada um.

Em todo adulto espreita uma criança - uma criança eterna, algo que está sempre vindo a ser, que nunca está completo e que solicita cuidado, atenção e educação incessantes. Essa é a parte da personalidade humana que quer desenvolver-se e tornar-se completa (Jung, 1983, §286, Desenvolvimento da Personalidade).

Boa leitura!

Ceres Alves de Araujo

CAPÍTULO 3

ANSIEDADE PARENTAL:

**a necessidade
de um
cuidadoso olhar**

DENISE MAIA

Na busca de sobrevivência os seres humanos são capazes de se tornarem resilientes, construindo um espaço interno seguro onde se sintam invulneráveis, mesmo que o mundo externo permaneça ameaçador. Isto vai sendo construído a princípio, pelo diálogo do olhar com os pais ou cuidadores que são suportes imprescindíveis na regulação da emoção amorosa com seus filhos (Grunspun).

O estado emocional da gestante se altera ainda mais próximo ao momento do parto. Há insegurança em muitas situações, ao mesmo tempo em que o pai pode se sentir à margem do processo, visto que todas as atenções estão voltadas para o bebê que ainda não nasceu.

Decisões tomadas com cuidado, e em conjunto, trazem maior confiança e possibilitam um estreitamento no vínculo mãe/pai/bebê, minimizando a ansiedade e proporcionando condições para uma chegada em casa com mais serenidade e maior acolhida.

Escuta e observação são fundamentais para que os pais descubram na relação com o bebê, quais necessidades ele tem e como dele cuidar.

Como distinguir o choro de fome, vontade de colo ou cólica? Com serenidade a mãe poderá entender e atender ao pedido de seu bebê. A ansiedade desde o nascimento está presente em certo grau e poderíamos dizer que é inevitável. O trauma físico do nascimento, a sensação de fome e a expectativa em satisfazê-lo, trazem uma constante dose de inquietação.

Há situações novas e desconcertantes, a mãe está sob efeito de períodos sensíveis onde enfrenta decisões, dúvidas e inseguranças, pela própria inexperiência... a informação, a acolhida e a escuta, ajudam a diminuir o medo e a angústia.

As necessidades de cada solicitação, aprimorando a percepção e possibilitando a decodificação dos sinais do bebê, vão diminuindo a aflição e assim aumentando a tranquilidade.

O que conta não é a mãe saber tudo ou saber imediatamente de que seu bebê está precisando, mas a disponibilidade e atenção em observar e estar junto para compreendê-lo – mães ansiosas acabam afetando o comportamento de seus filhos.

A função paterna também envolve o suporte emocional necessário à mãe, dando-lhe apoio e confiança para o exercício da maternidade, que muito influenciará o equilíbrio emocional do bebê.

Sabemos hoje da importância, desde a vida intrauterina, das emoções fortes vivenciadas pela mãe e que afetam diretamente o recém-nascido, bem como no pós-parto, momentos de grande delicadeza e dedicação, repleto de dúvidas, apreensões e dificuldades naturais, que precisam ser acolhidas para que a segurança se construa nesta nova relação. Há nesta experiência uma afinidade psíquica – o bebê compreende as

intencões da mãe e, se ela consegue ter uma relação empática com ele, começa a ser construída uma base de afeto segura na regulação emocional do bebê.

Vivemos um cenário de tantas solicitações, cobranças e exigências em vários âmbitos, que os pais se veem ansiosos e angustiados para preparar seus filhos para ser, ter e fazer, de tal forma que quando adultos, respondendo no futuro às expectativas e demandas, possam se tornar pessoas realizadas. O desejo dos pais é de criar filhos saudáveis e felizes, oferecendo-lhes possibilidades para que se desenvolvam plenamente.

Com todos os recursos e estímulos existentes hoje, o olhar, o toque, a presença são ainda e sempre serão fontes primárias e primordiais, solo afetivo na construção e constituição da personalidade dos filhos, preparando-os para estarem no mundo.

Pensando em cuidar e oferecer o melhor para as crianças, os pais antecipam situações sem olhar, escutar e acompanhar as características individuais do filho, sem entender os estímulos necessários que poderiam contribuir para o processo da criança se tornar cada vez mais ela mesma.

Na tentativa de acertar, acolher e promover recursos, confusões, incompreensões e má orientação levam os pais a intervenções inadequadas, precipitando situações e muitas vezes deixando de oferecer sua escuta e amorosa presença.

O olhar para as necessidades da criança, a busca de orientação profissional adequada, pode ajudá-los a refletir, a compreender e a conduzir, como cuidadores, suas angústias e inquietações, respeitando e entendendo as necessidades de cada fase, sem antecipar etapas.

Em minha prática clínica recebo pais de crianças, muitas vezes ainda pequenas, preocupados em que escola devem colocar o filho para que possa entrar em boas faculdades... e a oferta é tão grande de escolas brasileiras, bilíngues, internacionais, o que traz ainda mais dúvidas.

O que é esperado para cada idade? Quais as reais necessidades de uma criança de 4, 5 anos em termos de instituições educacionais?

A criança mais agitada e intolerante, o que está dizendo a partir destes sintomas? Seria hiperativa?

Tem distúrbios de atenção? Déficit no processamento auditivo central?

E ainda aquela que apresenta dificuldades em lidar com frustração e limites, numa postura birrenta e desafiadora?

São muitas as dúvidas e inquietações – são muitos rótulos, testes e possíveis medicações que parecem cuidar e encaminhar as crianças.

Ao se desejar resolver dúvidas atropeladamente, deixa-se de naturalmente viver e acompanhar cada momento na vida do filho... escuta, afeto, cuidado, brincadeira... a presença amorosa que observa e orienta.

Um cuidado que deveria permear as relações pais e filhos é a atenção dos primeiros em acolher e observar como os filhos se mostram, entendendo como eles realmente são.

Observo que, ao olharem para o filho com características já definidas aos 4 anos de idade, não oferecem possibilidades diferentes ou novos estímulos. Há situações em que o pai se afasta por não querer cercear os desejos do filho, ao mesmo

tempo em que não sabe lidar com um “código” para ele estranho. Não são oferecidas outras possibilidades e referências, permitindo-lhe vivenciar novas formas.

O pai que se afasta, por não conseguir lidar com o filho, não o legitima, não o espelha nem lhe dá referências...

A presença dos pais, o contato, a escuta, a brincadeira e a vivência com o universo masculino são a matéria prima no processo de formação da pessoa que seu filho vai se tornando.

A dinâmica patriarcal ausente não oferece a diferenciação dos filhos, ao contrário, intensifica a presença materna em seus atributos femininos e na infantilização e imaturidade dos mesmos. Falta o olhar que espelha, confirma e reconhece...

É através do outro, no caso o pai, que a natureza do filho se revela...

Segundo Ceres Araújo, “a sabedoria do papel de pai está em transmitir os valores ao filho e deixar que ele escolha o melhor para si com base nas próprias experiências – esta é uma base importante na formação da criança em se tornar quem ela é”.

Pelo receio de parecer dirigir a escolha da criança, os pais deixam de dar referências importantes.

Segundo Francisco Assumpção Junior, psicólogo e psiquiatra infantil:

Ser tolerante e compreensivo com as características que eventualmente o filho apresente é diferente de considerá-lo capaz de avaliar as consequências de suas decisões – ele precisa ser esclarecido e apoiado. Os valores da casa, da família e da cultura que fazem sentido para os pais, devem ser estimulados... os pais não

podem avaliar a criança como um adulto, segundo suas angústias e anseios. As questões da criança a maior parte das vezes são cotidianas e concretas e pedem para ser encaradas, respondidas e orientadas, como tal.

A criança está na fase de desenvolver a autoestima, de perceber e respeitar regras e de ser auxiliado a se tornar autônomo. Ela vai amadurecendo, a partir das referências e atitudes dos pais sem ainda ter capacidade de decidir e escolher grandes coisas.

Os pais se cobram tanto com relação à criação e à educação das crianças, que muitas vezes são incapazes de enxergar com clareza as necessidades de seu filho.

Para que a independência da criança se concretize, a mãe precisa diminuir seu poder protetor sobre o filho e permitir que ele se aproxime do pai, cujo papel é estimular o interesse pela novidade e conduzir o filho para o mundo. A criança é um vir a ser, uma personalidade em construção... está nela seu daimon, sua semente que conduz o seu caminhar. Mas os estímulos que lhe são oferecidos, o meio no qual está inserida, interferem e complementam, dando forma à pessoa na qual ela vai se constituindo. É importante que os pais contribuam para que seu filho cresça bem: escuta, presença, aspectos lúdicos e muita conversa..., processo natural na vida de uma criança, promovendo possibilidades, orientando e dando limites, além de mostrar consequências.

Os pais dão referências mostrando como são e falando também sobre a criança que foram no passado e que está atualiza-

da na relação com os filhos. Como é possível, a partir de uma mudança de atitude e uma diferente compreensão, os pais ajudarem a criança a experimentar outros estímulos e formas para que também ela possa se ver de maneiras diferentes?

Devemos nos lembrar de que o olhar dos pais sobre a criança afeta e influencia a maneira como ela se vê.

Em "A poética da infância", os autores Severino e Kátia escreveram:

*Entre tantas vozes e sujeitos,
a criança precisa à sua medida
ir construindo sua própria voz...*

Ela vai se desenvolvendo e tendo sua concepção do mundo que a cerca.... descobrindo o que dizer, e precisando de diálogo, de escuta e de um cuidadoso olhar...

A empatia dos pais e cuidadores é fundamental na relação com esta criança, na escuta de sua voz, no acolhimento de suas dores e de seus sonhos, cultivando seus desejos de aprendizagem e de vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. *Pais que educam* São Paulo: Gente, 2005.

ASSUMPÇÃO, Jr. F. B. *Como criar crianças saudáveis*. São Paulo: Atheneu, 2006.

GERHARDT, S. *Por que o amor é importante: como o afeto molda o cérebro do bebê*. São Paulo: Artmed.

GRUSPUN, H. *Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2006.



LIGIA MARIA BONINI, psicóloga, mestre em Psicologia Clínica, pelo Núcleo de Estudos Junguianos PUC-SP. Membro do Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Humano da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA). Especialista em Terapia Psicomotora e Cinesiologia e Integração Fisiopsíquica pelo Instituto Sedes Sapientae. Atua em consultório de psicologia no atendimento de crianças, adolescentes e famílias. Autora colaboradora do livro *Pescaria Noturna*, "Elaboração simbólica de conflitos na psicoterapia de famílias na abordagem junguiana: caminhos criativos" (Ed. Apris).

ligia_bonini@hotmail.com



DENISE MAIA, psicóloga clínica, analista didata pelo IJUSP/AJB, membro da International Association for Analytical Psychology, Zürich (IAAP). Especialista em Arte Integrativa, em Terapia Psicomotora e Cinesiologia Psicológica, com base junguiana. Coordenadora dos núcleos de assistência social (NAS) e de psicologia infantil e da adolescência (NUPIA), ambos do IJUSP. Atende principalmente crianças, adolescentes e presta orientação de pais.

www.denisemaia.com.br
maiaidenise@terra.com.br

Durante nossa trajetória no atendimento de crianças frequentemente ouvimos: "Onde erramos? Onde errei? Em que acertamos?"

Não há erros! Não há acertos! Cada criança é única e tem suas necessidades, exigindo em sua singularidade uma determinada conduta em sua educação.

"Apesar de dirigido de forma muito particular aos pais, o conteúdo dos vários capítulos poderá ser de interesse também para os profissionais de saúde e educação que lidam com crianças e adolescentes. O objetivo implícito em todo o livro e que perpassa pelos capítulos é a intenção de ajudar o processo de criação de crianças e adolescentes para que eles sigam um processo de desenvolvimento saudável. Os capítulos poderiam ser compreendidos como aulas de uma escola para pais."

Ceres Alves de Araujo



978-65-86420-03-6